

A Arca da Aliança

“Mas, depois do segundo véu, estava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, que tinha o incensário de ouro e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor, em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão que tinha florescido, e as tábuas do concerto“

Hebreus 9:4

“Depois do segundo véu” – onde apenas um homem – o sumo-sacerdote – entrava uma vez por ano; “depois do segundo véu” – onde só Deus podia ver o que se passava; “depois do segundo véu” – onde a vida humana ficava envolvida pela glória da presença divina – ali estava guardada a arca do concerto, da aliança de Deus com o Seu povo. Num lugar secreto, interdito. Deus não habitava dentro daquela caixa preciosa de madeira rara, coberta de ouro. Deus não pode ser fechado em nenhum lugar. A Terra não é mais do que o estrado dos Seus pés. As nações são para Ele como a gota do fundo de um balde. Lugar nenhum pode conter o Deus Todo-Poderoso! Mas Ele vinha encontrar-se ali com Moisés, falar com ele numa intimidade única, como um amigo fala com o seu amigo.

Sobre a arca dois querubins de ouro estendiam as suas asas, lembrando que Deus é Aquele que habita no céu dos céus, na luz inacessível, continuamente servido e adorado por seres celestiais extraordinários.

Dentro da arca havia um recipiente em ouro cheio de maná, o alimento que Deus enviava do céu todos os dias, para suprir as necessidades físicas do Seu povo no deserto. Aquele era o maná escondido. Todo o outro maná ficava impróprio para ser usado de um dia para o outro, excepto o maná que Deus dava à sexta-feira e que devia ser recolhido em porção dupla, para o próprio dia e para o sábado, o dia do descanso. Ao sábado Deus não enviava o maná, disciplinando assim o Seu povo, ensinando-lhe a obedecer. No princípio, as pessoas que recolheram maná a mais, verificaram que no dia seguinte não se podia comer. Por outro lado, as pessoas que no sexto dia não apanharam maná suficiente para dois dias, esperando achá-lo de novo na manhã seguinte, descobriram o erro da sua desobediência e da sua falta de fé. Mas o maná escondido dentro da arca mantinha as suas propriedades. Continuava a ser maná. Continuava a ser uma lembrança perpétua da fidelidade e do poder de Deus.

(Continuação)

Junto com o maná repousava a vara de Arão que, sendo um ramo seco, um dia deu flores, revelando assim qual o homem que Deus tinha escolhido e separado para O servir.

E depois havia também a Lei dada a Moisés, escrita em placas de pedra, como Deus gostaria de escrevê-las no coração de cada filho Seu. A Lei que regia os actos humanos, que acusava, julgava e condenava, estava fechada no escuro, guardada no fundo da arca, longe da vista, como se estivesse sepultada, sem vida. Mas um dia Jesus veio – o Filho de Deus – e cumpriu toda a Lei. Trouxe-a à vida. Venceu-a pelo amor. Foi obediente até à morte. Executou toda a vontade de Deus. Rasgou o véu, o segundo véu, e deixou aberto o caminho para chegarmos a Deus. Ele próprio foi fechado na escuridão de um túmulo, para depois irromper em poder e glória – o nosso Salvador, Deus feito homem, El-Shaddai.

Faz-me entender, ó Deus Amado, o que Jesus fez por mim aqui.

Faz-me buscar-Te todos os dias neste arraial da vida, como o Teu povo que saía cedo das suas tendas no deserto, para apanhar o maná e ter alimento para viver. Obrigado pelo véu rasgado, o segundo véu. Obrigado pelo Teu ponto de encontro comigo que é agora mesmo, aqui mesmo. Obrigado pelo túmulo vazio do Senhor Jesus, pela pedra afastada do meu caminho para Ti. Faz-me ver mais do Teu poder, do Teu grande amor, da Tua compaixão. Em nome e por amor do Senhor Jesus Cristo.